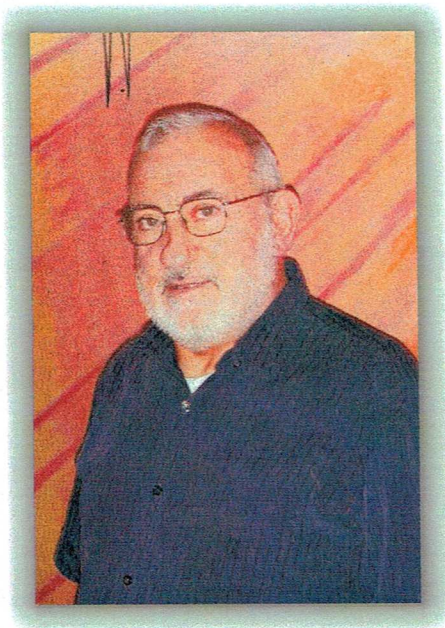


Inspetoria São Domingos Sávio

Centro Salesiano de Formação - CESAF



P. Francisco Laudato
Carta mortuária

*** 16/02/1933, Nocera Superiore
Salerno-Itália**
+ 21/09/2010, Manaus-AM - Brasil

Prezados irmãos

Está fazendo quase um ano que faleceu o P. Francisco Laudato, mas a sua memória permanece viva entre os membros do Centro Salsiano de Formação – CESAF e, com certeza, também no coração de todos aqueles que o conheceram.

1. Alguns passos de uma caminhada:

- * Nasceu em Nocera Superiore – Salerno – Itália, no dia 16 de fevereiro de 1933. Filho de Pascoal Laudato e Maria de Falco.
- * Batizado no mesmo dia 16 de fevereiro de 1933 e crismado no dia 9 de junho de 1940.
- * Frequentou o colégio salesiano de Torre Anunziata – Nápoles, de 1945 a 1949. Fez o noviciado em Vila Moglia – Chieri, para os candidatos às missões salesianas. em 1950 A primeira profissão no dia 16 de agosto de 1951.
- * Chegou ao Brasil no dia 25 de dezembro de 1952. Naturalizado brasileiro no dia 2 de abril de 1979.
- * Fez o pós-noviciado e os estudos filosóficos em Foglizzo, em 1952 e em Natal (Brasil), em 1953 e 1954.
- * Realizou o tirocínio prático em São Gabriel da Cachoeira de 1955 a 1957
- * Fez a profissão perpétua em São Gabriel da Cachoeira, no dia 11 de julho de 1957.
- * Estudou a teologia em São Paulo – Lapa, de 1958 a 1961.
- * Foi ordenado diácono no dia 12 de março de 1961 e padre, em São Paulo, no dia 8 de dezembro de 1961, pela imposição das mãos de D. Zioni, bispo auxiliar de São Paulo.
- * Exerceu as seguintes atividades:

1962	Conselheiro escolar em Manaus – S. Domingos Sávio.
1963-1964	Conselheiro escolar e ecônomo do colégio do Carmo de Belém
1965-1967	Conselheiro na EST – Belém – Sacramenta.
1968-1970	Diretor do colégio do Carmo de Belém.
1971-1972	Estudante de Missiologia na Universidade Gregoriana de Roma.
1973-1974	Professor de filosofia em Manaus – S. Domingos Sávio.
1975-1976	Itinerante em Barcelos.

1977-1978	Itinerante em Santa Isabel do Rio Negro.
1979-1989	Itinerante na missão de Marauíá.
1990-1993	Pároco na Paróquia S. José Operário (Centro) de Manaus.
1994-1997	Pároco da Paróquia S. Domingos Sávio e encarregado do Centro Juvenil de Humaitá.
1998	Vigário paroquial e confessor em Manaus – Aleixo.
1999-2006	Reitor da Igreja Nossa Senhora do Carmo em Belém.
2007-2010	Manaus – CESAF.
21.09.2010	Faleceu no Hospital Beneficente Portuguesa.

2. A viagem de um sonho missionário:

“Conheci o jovem Francisco Laudato no ano de 1949 em Torre Annunziata (Itália), quando nós dois nos preparávamos para entrar no noviciado. Ele iria para o noviciado de Villa Moglia (Turim) para os candidatos às missões e eu para o noviciado de Pórtici (Nápoles) para os que iam ficar na Itália. Conversámos bastante e percebi a alegria e o entusiasmo de Francisco em viajar para o exterior como missionário, depois do noviciado. Ele ainda não sabia que futuramente seria destinado para a Inspeção Salesiana do Norte do Brasil. Passaram vinte anos e eu também, já sacerdote, vim como missionário para a Inspeção de Manaus. Cheguei em Belém do Pará em fevereiro de 1970 e lá estava o Pe. Francisco Laudato, diretor do Colégio Salesiano do Carmo. O encontro foi uma grande alegria para ambos. Para mim principalmente, porque encontrava alguém conhecido. Pe. Francisco me animou muito, me orientou, me deu tantos bons conselhos. Me disse que o sonho dele era trabalhar nas missões salesianas do Rio Negro, o que aconteceu anos depois. Posso afirmar que Pe. Francisco nasceu missionário e foi um grande missionário, simples, alegre, dedicado. Eu me tornei missionário, procurando sempre imitar o exemplo dele”.

Para o P. Francisco, a vocação missionária nasceu como desenvolvimento da própria vocação cristã. Nos colégios salesiano, falava-se muito das missões e diversos missionários se faziam presentes trazendo seus relatos sempre vivos e alegres. Esses modelos fizeram crescer no coração de Francisco a disponibilidade para aquilo que for mais conveniente para o Reino de Deus, sem preferências.

Terminado o noviciado, continuou a preparação para a vida missionária como pós-noviço em Foglizzo e em 1952 veio ao Brasil, onde continuou os estudos de filosofia em Natal nos anos 1953-1954. “Deixou uma crônica pormenorizada da viagem onde manifesta o grande sentido da admiração

perante as novidades que se apresentavam diante dos seus olhos e todo o idealismo missionário que brotava da sua alma". (P. Cânio Grimaldi)

No texto "Diário di bordo"(Dezembro 1952, encontramos os nomes de alguns daqueles que vieram na mesma viagem de navio com o Pe. Francisco: Pe. João Seu, chefe da expedição; clérigos Costantini Serafino (que fica em Recife), Francisco Laudato, Bruno Bianchi e o senhor Jonas Magno Pinto(de Recife até Natal).

Neste diário está escrito: "*Mare buono , qualquer lacrimuccia qua e lá pero nessuno dei missionari piange, siamo alegri e pieni di santo entusiasmo*"

3. Alguns passos de sua caminhada:

- **Tirocinante – 1955-57:** "*Mens sana in corpore sano*", é uma das partes principais do sistema educativo de Dom Bosco. Isso "também, graças ao novo teatro e ao clérigo que se sacrificou em ensinar e encenar partes, não faltou neste ano". (Crônica da casa de S. Gabriel da Cachoeira)
- **Seu trabalho e seu directorado no Carmo (1958-1970):** No colégio do Carmo - Cidade Velha, o Pe. Francisco desenvolveu várias atividades. Lá esteve e trabalhou em três ocasiões como conselheiro escolar, ecônomo, diretor e reitor da igreja do Carmo.
- Um salesiano então na formação inicial relata: "*parte da atual estrutura do Colégio do Carmo muito deve ao Pe. Francisco. O prédio antigo já não suportava o crescente número de alunos nem as novas exigências pedagógicas. Mas o prédio estava tombado pelo Patrimônio Histórico. Pe. Francisco fez inúmeros pedidos para reformar a estrutura e só recebeu negativas. Um dia, angustiado e sem paciência, chamou um trator que, de noite, derrubou parte da velha parede. Os jornais e as rádios criaram a maior confusão. Os ex-alunos amigos o defenderam para não ser preso por agressão ao patrimônio tombado e o Instituto Histórico, não pediu, como costuma fazer, que ele restaurasse a antiga parede derrubada. Neste local, está o atual prédio do colégio. Tirocinante no segundo ano, vi o início da nova construção*".

Já antes, como pós-noviço estudante em Minas Gerais, passando férias no Carmo, havia conhecido o padre Francisco, diretor de muita animação, enérgico, empreendedor, liderança reconhecida entre outros diretores de escolas particulares de Belém, alma vibrante do colégio, então num de seus melhores momentos. Quando, anos depois, ele retornou ao colégio, já alquebrado, reencontrou inúmeros ex-alunos orgulhosos daquele tempo de efervescência estudantil.

Outro desafio conhecido na cidade foi quando, no dia do Desfile Escolar, 5 de Setembro, o então governador Alacid Nunes se retirou do palanque oficial. Os microfones anunciaram, por ordem do governante, o encerramento do desfile antes do tempo previsto e antes da passagem do Carmo. Mas, o povo ansiosamente esperava o colégio que tradicionalmente encerrava os desfiles escolares. Pe. Francisco reagiu e, sem as autoridades no palanque, o Carmo desfilou glorioso, com sua vibrante e imponente banda marcial. E os alunos foram marchando da Avenida Getúlio Vargas-centro da cidade- até a Cidade Velha, sob aplausos do povo pelas ruas. Comentava-se na época que o então governador se incomodava com o fato de dois colégios salesianos ganharem por vários anos consecutivos, os prêmios do desfile escolar: o Carmo com sua banda marcial (fanfarra) e a Escola Salesiana do Trabalho com sua banda musical, então comandada pelo competente e inesquecível Sr. Serra.

Em Belém, Pe. Francisco também acompanhou grupos de casais nos Movimento de ECC, serviço que depois realizou também em Manaus. *Como tirocinante por dois anos no mesmo Carmo e depois como padre recém-ordenado na mesma obra, muitas vezes eu encontrei ex-alunos e seus parentes perguntarem com carinho pelo paradeiro do Pe. Francisco. Ele marcou a vida da Cidade Velha, bairro onde morou e trabalhou em três ocasiões* “(Pe. José Benedito Araújo).

- **Missionário no Rio Negro: 1975-1989:** os estudos de Missiologia na Universidade Gregoriana em Roma aguçaram ainda mais seu grande sonho missionário. Viveu e trabalhou em várias comunidades do Rio Negro, mas Marauíá foi seu ponto de referência, a menina de seus olhos. Com seu irmão, Pe. Luis, lá trabalhou por 10 anos seguidos, preocupado em entender a prática da proposta da “inculturação”. Os dois irmãos missionários eram conhecidos como “os manos” e assim eles se tratavam entre si. Com as necessárias viagens de seu irmão Luis a Manaus, Pe. Francisco passava semanas, meses sozinho, resistindo às dificuldades da língua dos Yanomame. Mas não desanimou, estudou, anotou, se esforçou o quanto pode, consciente das dificuldades de um homem maduro aprender uma nova língua bem diferente da sua original. A sua comunicação era a do coração e a do sorriso. Cultivou uma longa barba, aquela clássica barba de antigos missionários, barba que, já em Belém ou em Manaus, cofiava constantemente, talvez recordando suas andanças pelos rios e pelas matas.

E quando em 1999, chegou ao Carmo (terceira estadia), trouxe um grande e ‘pesado baú cheio de lembranças, artesanato, anotações e instrumentos de seu trabalho missionário. Os trabalhadores que, gemendo, carregavam o baú para o segundo andar da residência por uma íngreme escadaria, brincavam dizendo: “Este baú deve esta cheio de ouro!” Eram seus tesouros de vida missionária, esperando um retorno que nunca aconteceu (Pe. José Benedito Araújo)

Certamente, um melhor retrato de sua vida missionária possa vir de suas próprias palavras, recolhidas no seu diário intitulado “Meu dia a dia em Marauíá”- Belém, 1986(datilografado):

- “ De tarde, os Hekura continuaram a gritar e a gritaria aumentou. Lá pelas 17:00, o Geraldo apareceu oferecendo farinha, então perguntei o que estava acontecendo no sabono. Respondeu: a filha do Juvenal que está morrendo. Fiquei preocupado, pois o ano retrasado, já morreu um e agora cuidava desta com todo carinho e cuidado. Reclamei a Suzana(mãe da criança, vendo que estava doente e não me procurou, para pedir remédios. Fui logo ao sabono e vi uma cena impressionante. A mãe com a criança nos braços, sentada na rede, com os olhos fechados e o Dico fazendo Hekura. Tomou a pena e gritando como um endiabrado procurava espantar os Hekura, inimigos enviados pelos índios do Sabono.. De vez em quando, fazia massagens na criança e ameaçava jogar alguma coisa fora da rede, duas mulheres chorando baixinho inconsoláveis. Vi que a criança estava com febre e fiquei muito impressionado com tudo aquilo” “....Voltei pra casa, não quis jantar, subi e fiquei deitado na rede sem conseguir dormir, ouvindo ao longe o choro contínuo dos parentes da criança. De vez em quando, grito mais fortes repercutiam na mata, acompanhados sempre pelo choro monótono e incessantes de todos”.
- “Hoje, por ser domingo, é dia de bola. Quando terminaram, me trouxeram a bola e fiquei brincando com os meninos. Tem alguns tão desajeitados!. Às 20:30, falei para Manaus e repeti a mesma mensagem de ontem, Todos perguntaram com insistência quando o mano vai chegar”(p.140)” “ Mal tinha acabado de almoçar, e os meninos gritaram: motor!, Motor! E o mano chegou”.
- “ Hoje, inventei mais uma, vou experimentar fazer vinho de cucura”, “depois do jantar, continuei escrevendo e num certo ponto, apoderou-me o cansaço e o sono apertou,mas mesmo assim consegui escrever todo o correio para Itália”.

- “ A gente reza sempre de portas abertas e damos ampla liberdade para quem quiser assistir, porém o mínimo exigido é disciplina e silêncio, e eles agüentam firmes, observando tudo, mesmo sem entenderem”.
- “ Neste dias, não me senti bem, a malária queria atacar e sobre o meu corpo apareceram bolhas idênticas a urticárias. Procurei um remédio e nada de encontrar, então decidi tomar infectrin, dose dupla. Pensei que tivesse bastante, pois o tratamento é de cinco dias e por fim descobri que só daria para quatro dias. E agora?”.
 - “Hoje, todos trabalharam com entusiasmo e animação, acho até que amanhã vamos acabar o serviço. Sinto que estando no meio deles, trabalhando e participando de sua vida, a sintonia cresce cada vez mais.”.
 - “Acordei meia noite, e ouvi os homens cantando”.
 - “ A gripe está me atacando, até pra ler que tanto gosto, não sinto vontade. Fiquei o dia inteiro sozinho na missão”.
 - “Depois de tanto tempo, retornei a escrever o diário que ficou tantos dias esquecido e abandonado. Razão principal: eles (os Yanomame) não estavam aqui e por isso eu tinha pouco interesse e nenhum estímulo de escrever”.
 - “Sem nada especial, comemoramos o onomástico do mano, com a tradicional torta de bolachas e licor”.
 - “A visita inspetorial continua e só amanhã o Pe. Inspetor viajará. Foram dias de conversa, visita ao xabono e ficou a par de nosso – problemas e de toda a nossa realidade, A nossa preocupação como também como também a do padre Inspetor, é como nós vamos anunciar o Evangelho ao mundo Yanomame, mas para isso, temos a certeza que muitas comunidades irmãs de clausura estão sintonizadas conosco, compartilhando conosco desta nossa angústia, rezando para preparar os caminhos do Senhor.
 - “Levantamos cedinho e ainda continuava chovendo muito, Chegamos, nas cachoeiras às 13:30 e em Santa Izabel, às 16:30. Após vários defeitos dos motores, e a chuva castigando estamos rumando para São Gabriel da Cachoeira.
- O Diário tem 365 páginas, cheias de momentos alegres e desafiadores, de viagens e de solidão, de alegria pelos reencontros com o ‘mano’ (Luis Laudato), de esforços de viver na mesma simplicidade dos Yanomame da Marauiá.

4. A estadia no CESAF:

O corpo, cansado e debilitado pelas duras exigências de uma dedicada vida missionária, começou a fraquejar. A despedida missionária foi como

por passos de estações: Sofreu muito quanto teve que sair do Rio Negro. Até resistiu à obediência dada, mas depois obedeceu. Sair da convivência com as comunidades indígenas e ir morar no cento de cidade de Manaus, na Paróquia São José, lhe foi especialmente difícil. O sonho missionário da origem vocacional ia se desvanecendo, sem retorno.

Quando em 1999 retornou ao Carmo, os primeiros sintomas do Mal de Alzheimer se faziam preocupantes. E junto, outras pequenas enfermidades se manifestaram. De nada adiantaram os incontáveis chás que seus amigos traziam. A fragilidade pareceu irreversível.

Por obediência, saiu do Carmo e foi para a casa inspetorial. Já não exercia nenhum encargo na comunidade. Então viveu outra segunda partida dolorida. Sair do Domingos Sávio e ir para o CESAF, no Zumbi. Na Paróquia tinha a presença próxima de muitos de seus antigos paroquianos com que trabalhara de 1994-1997, sem contar os anos de 62.73-74. A casa de sua nova comunidade era distante e isolada. Não aceitou facilmente, mas obedeceu e foi morar com a nova geração de salesianos. Ainda tentou retornar, mas depois viveu sua obediência com tranquilidade.

Doente, foi acompanhado mais diretamente por dois diretores, Pe. João Sucarrats e Pe. João Mendonça, que lhe proporcionaram a melhor atenção. Com os dois, alguns pós-noviços foram destacados para acompanhar mais de perto o Pe. Francisco. Neste serviço se desdobraram os pós-noviços Luis, Cosme, Ivanildo, Anchieta, Franciclei. Acompanhá-lo e cuidar dele era um trabalho exigente, pela delicadeza de sua higiene pessoal e pela atenção à sua medicação na hora indicada e na dosagem certa. Cuidar do Pe. Francisco humanizava e fratenizava o ambiente formativo do CESAF. Doente, alternava momentos de lucidez e dias como em penumbra.

Na lucidez, era o Pe. Francisco alegre, amigo, conversador: *"Bom dia, Pe. Francisco!"* e ele: *"Bom dia, com Maria, todo dia!"*. O bom humor e seu especial sorriso eram alguns de seus traços mais marcantes. Ainda naquela lucidez, era o irmão que chegava cedo à capela, e era o sacerdote que recitava, em voz alta e forte, a oração eucarística II. Na lucidez tranqüila, acompanhava os ensaios de cantos e nos cantos ensaiados vibrava com a voz ainda afinada para seus 70 anos e ainda costumava dar palpites sobre tonalidades e ritmos dos mesmos cantos, para admiração dos jovens músicos. Na lucidez, era o irmão que se alegrava, como uma criança, quando era convidado para sair para um passeio, mesmo que, mal chegado ao destino, quisesse voltar logo para casa. Seus aniversários eram festejados no melhor clima do espírito de família entre cantos, bolos e brincadeiras. Nos momentos de aparente nebulosidade, já não chegava à capela. E nem

queria se alimentar e às vezes, expressava uma explosão de raiva mesmo agressiva. A doença foi implacável. Nesta neblina, uma atitude se repetia muitas vezes: a lembrança de sua terra natal e seus familiares: *“Tenho 200 anos e quero voltar para minha casa, para ficar com a minha mamãe”*.

No CESAF. À hora das horas das refeições ou das orações comunitárias, sua ausência provocava a mesma pergunta em todos *“Onde está o Pe. Francisco?”*. E alguém saía à sua procura. Muitas vezes estava em suas constantes caminhadas pelo terreno arborizado sempre com seu velho chapéu de palha, última memória de sua vida missionária. Na mesa, sua fruta preferida era a banana, muita banana. E em todas as refeições, o costumeiro pão, memória de suas raízes culturais.

Doente, não perdeu o sentido comunitário. Sentia-se ofendido quando não era expressamente chamado para as reuniões da comunidade, aos sábados. Não que fosse excluído, mas lhe era cada vez mais difícil ficar sentado escutando assuntos para os quais nem sempre tinha condições de acompanhar.

Nos últimos meses no CESAF, sua simplicidade, humildade e até uma especial mansidão eram uma constante proposta de formação para todos, de modo especial, para os pós-noviços e para os pré-noviços. Só saiu do CESAF quando os cuidados médicos mais exigentes recomendaram a internação hospitalar. Deixou um vazio.

5. Testemunhos de convivência:

“Conheci o Pe. Francisco Laudato no início do ano de 2007, ano no qual eu fiz meu pré-noviciado. Neste período de minha formação não tinha muito contato com ele; sabia apenas que estava com a doença de Alzheimer. Apesar de estar com esse mal que pode atingir qualquer um de nós, sua aparência física não demonstrava abalo algum, pelo contrário refletia a imagem de um homem sadio e com muita experiência de vida. Recordo desta época ainda o dia maravilhoso da abertura oficial do pré-noviciado no qual estava presente toda a comunidade do pós-noviciado com merecido destaque ao Pe. Francisco com sua barba solene e usando imponentemente os aparatos litúrgicos de um digno sacerdote.

Após a conclusão do meu noviciado, retornei a inspetoria e fui morar e conviver com aquele ancião que tinha tido um primeiro contato no ano de pré-noviciado, e confesso que logo no início não me sentia muito a vontade junto dele. Certa vez ele me perguntou algo, porém não entendi o que queria dizer e tentei desviar e me afastar, um irmão que estava a mais tem-

po na casa presenciando a cena olhou para mim e disse “não precisa ignorá-lo, apenas fale com ele, ouça o que ele fala isso é importante pra ele”.

Este conselho procurei seguir mesmo com minhas limitações todo o tempo em que vivi ao lado deste grande salesiano. Aprendi com ele a exercitar minha paciência e cuidado pelas pequenas coisas. Em seus momentos de crise, nos quais ele desejava insistentemente ir para sua casa, foram comuns as vezes em que saímos pelas ruas do Zumbi em busca de uma utópica Nocera Superiore que ele descrevia detalhadamente a cada passo que dávamos pelas ruas do bairro.

Muitos foram os acontecimentos que presenciei e partilhei nestes meus primeiros passos como salesiano ao lado do Pe. Francisco Laudato. Acompanhei, em silêncio e com muita reflexão, as notícias do declínio de sua saúde. Quando o vi pela última vez, ele já não era o mesmo que conheci no pré e que convivi no pós-noviciado, estava mais debilitado e carente de cuidados especiais constantes.

Dentre tantas coisas, algo que ficou marcado em mim é a lembrança de sua doce e imponente voz ao cantar na missa pela manhã, de modo particular quando se entoava a canção “A barca” que ele interpretava com muita vivacidade. Que lá no céu a voz do nosso querido dom Frances como carinhosamente o chamávamos, possa também estar cantando as glórias dos filhos amados de Deus”.(Washington Luis Paulo Macena)

“O primeiro contato que tive com o Pe. Francisco foi em 2004 por conta da primeira visita de nosso Reitor-Mor Pe. Pascual Chavez a nossa Inspetoria. Eu estava no início do discernimento vocacional e o encontrei na casa inspetorial; ele parecia muito bem e recordei que estava conversando com o saudoso Pe. Afonso Casanovas. Depois disso o reencontrei em 2007, ano em que fui pré-noviço na mesma casa inspetorial e um salesiano daquela casa me disse que ele estava em tratamento pois sofria da doença de Alzheimer. Estes acontecimentos me marcaram pois eu pude perceber quase que duas pessoas diferentes no Pe. Francisco. Todavia não imaginava conviver com ele em seus últimos anos na mesma comunidade e isto aconteceu durante o meu pós-noviciado (2009-2010) Neste período aprendi muito com a enfermidade do Pe. “Francis” como nós o chamávamos, através de suas histórias muitas vezes sem nexos, mas que demonstravam suas experiências de vida principalmente como missionário no Rio Negro. Algumas expressões como: “Se tiver...” quando perguntávamos se não gostaria de almoçar ou jantar. Algo que o marcara naqueles anos era o constante desejo de voltar para casa encontrar sua mãe; para alguns de nós, parecia até que

pressentia o término de sua missão em nosso meio. Durante o período do recesso acadêmico de 2010, o Pe. João Sucarrats (diretor do CESAF) pediu que eu o levasse a casa inspetorial para ser mais bem atendido em sua saúde naquele período. Quando eu ia à Paróquia São José, por conta do meu apostolado, fui percebendo que nosso irmão estava decaindo e seus níveis de percepção diminuindo. Num determinado sábado de agosto de 2010, eu estava no pórtico do Oratório São Domingos Sávio e um dos seguranças me chamou e disse que o Pe. Francisco estava passando mal; o Pe. Gennaro me pediu para levá-lo ao Pronto Socorro. Neste mesmo instante, chega dona Edilamar e nos acompanha; estava também junto o Pe. Daniel Cunha. Mal sabia eu que o Pe. Francisco não voltaria mais para casa. Na emergência permaneceu alguns dias, sendo depois transferido para o Hospital Beneficente Portuguesa de onde partiu para casa do Pai ao encontro da Mãe. Para mim, salesiano em formação, fica o aprendizado e alegria de ter convivido com o Pe. Francisco em seus últimos anos e aquilo que ele dizia quando o saudávamos: *buon giorno, Don Francis...Ele sempre respondia: Per tutti i giorni*". (Marcelo de Oliveira)

"Foi com grande pesar que recebi a notícia da morte do Pe. Francisco Laudato, escrevo agora porque na ocasião de sua morte, não tínhamos internet e o telefone estava com defeito. Ficamos sabendo da morte só dois dias depois; quem deu a notícia foi a irmã Rosália.

Lembrei da convivência que tivemos com ele durante os dois anos e meio, que morei aí no CESAF. Fui um privilegiado de ter convivido com ele e de ter tido a oportunidade de cuidar dele em sua doença. Sua Alegria, as brincadeiras, seus momentos de raiva. Tudo isso lembrei, durante esses dias, sei que ele está confortado agora por Maria, junto com os Anjos e Santos no céu. Procurei rezar pelo seu descanso eterno "(Franciclei)

"Pe. João, dizer fico triste é pouco; não é um "confratello", mas um fratello que perdi, um irmão. Na Congregação tenho pai, mãe, irmãos e ontem esta minha família diminuiu. Agora ele foi com o grande Pai e me espera; irei. Espero esteja passando bem. Pai Nosso que estais no Céu recebe-o. (José Uggenti).

"Não vou repetir as coisas belas assinaladas em artigos e homilias sobre o Pe. Francisco Laudato. Repetir ajuda, mas às vezes entorna ou, em imagem antiga, fura o disco.

Mantenho, porém, uma das coisas belas referidas. Recupero um traço

de sua vida que ainda me questiona e, sem ter sido sua intenção, pode confrontar a muitos religiosos(as). Por vezes e, não são poucas, nos aproveitamos de inúmeras ocasiões e as transformamos em pretextos para nos eximirmos de compromissos da oração pessoal e comunitária: uma gripe com um dia de cama e folga da Eucaristia. Um compromisso de manhã cedo e ... a gente supre nossa oração da manhã:” saí cedo ou cheguei tarde de uma viagem, e ... e no lugar de oração, meu descanso reparador; estou de férias entre familiares e... e lá não há horário marcado de oração comunitária e nem mesmo de Missa dominical”..

Já vivi e muitos irmãos já relataram ter vivido tais incongruências. E assim vou me acostumando a suprimir compromissos e se torna normal eu não sentir necessidade de repor ou recriar novas formas de oração pessoal, quando algum evento sério me impede a presença física entre os demais irmãos. Passa por batido.

Loucura seria colocar a cama do irmão doente no centro da capela, ou obrigar o sacerdote ardendo de febre ou recém-operado para presidir uma liturgia eucarística ou colocar um irmão derrubado pela malária para carregar a cruz da Via Sacra. Mas imaginemos todos nós na impossibilidade de abrir a caixa eletrônica por um ou dois dias, de ficar sem poder usar o celular por um ou dois dias, de não ler o jornal pela manhã, de perder um capítulo da novela predileta, de perder a transmissão do jogo do time pelo qual eu torço. Quantas múltiplas lamúrias e sentidos incômodos! Ficar sem estas coisas, nem pensar!

Mas o Pe. Francisco não se permitia pretextos. Sem condições físicas ideais, parecia mais presente do que muitos dos presentes de nós, com saúde esbanjando. Mesmo depois de noites de insônia, em muitos dias chegava à capela mais pontual do que os que roncávamos vigorosamente a noite inteira. Atribuo tudo à perseverança na fidelidade na oração pessoal forjando seu coração orante. Ele já não rezava com as linguagens conhecidas (por vezes só mecanicamente repetidas), da oração do livro, mas sentíamos sua compostura interior na comunhão. Talvez, no silêncio imenso das matas entre os lanomame, foi que ele aprendeu a rezar por amor, não por obrigação.

Só por obrigação, cansamos, enjoamos, sofremos a oração da mesmice ou a mesmice na oração. E logo forjamos muito pretextos (doença, viagem, curso, consulta médicas, provas, “não estou afim”, “estou com deprê”, “o despertador não funcionou”, “tive pesadelos perturbadores à noite”) para nos omitir de compromissos que são mediações para um encontro cotidiano com Cristo. E quando a gente se acostuma à omissão ou à supressão e

tudo se baliza, aí pode estar se agudizando a fragilidade vocacional. Em não poucas vezes, o coração frio se afasta da oração como o demônio da água benta (ainda é assim?). Pior é que, por vezes, convivem juntos. É a vida religiosa que se torna um pretexto. Mais morta do que o Pe. “Francisco” (Pe. José Benedito Araujo, reprodução de um texto escrito após a morte do Pe. Francisco e publicado no site inspetorial).

7. Uma saudade: Para os meus irmãos do CESAF, fica o agradecimento pelo acompanhamento desse nosso irmão que partiu, mas que deixou muita saudade.

Manaus, 17/08/2011

Pe. João Sucarrats Font, Diretor do CESAF